

/ quinta da fornea

Ficha Técnica

Escavação arqueológica
Arqueohoje

Conservação e restauro
Arqueohoje

Produção de Conteúdos
Textos

Filipe João C. Santos e Joaquim Garcia

Fotografias

Filipe João C. Santos, Pedro Sobral de Carvalho e Joaquim Garcia

Adaptação e revisão

Luís Filipe Coutinho Gomes, João Pedro Bernardes e Paulo Celso Fernandes Monteiro

Projecto gráfico

Paulo Passos

Câmara Municipal de Belmonte

Amândio Manuel Ferreira de Melo, José Manuel Caninhas Figueiredo, Elisabete Robalo

Impressão

(nome da tipografia)

Depósito Legal

(tipografia)

Tiragem

3.000 exemplares

Ano

(2009)



Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



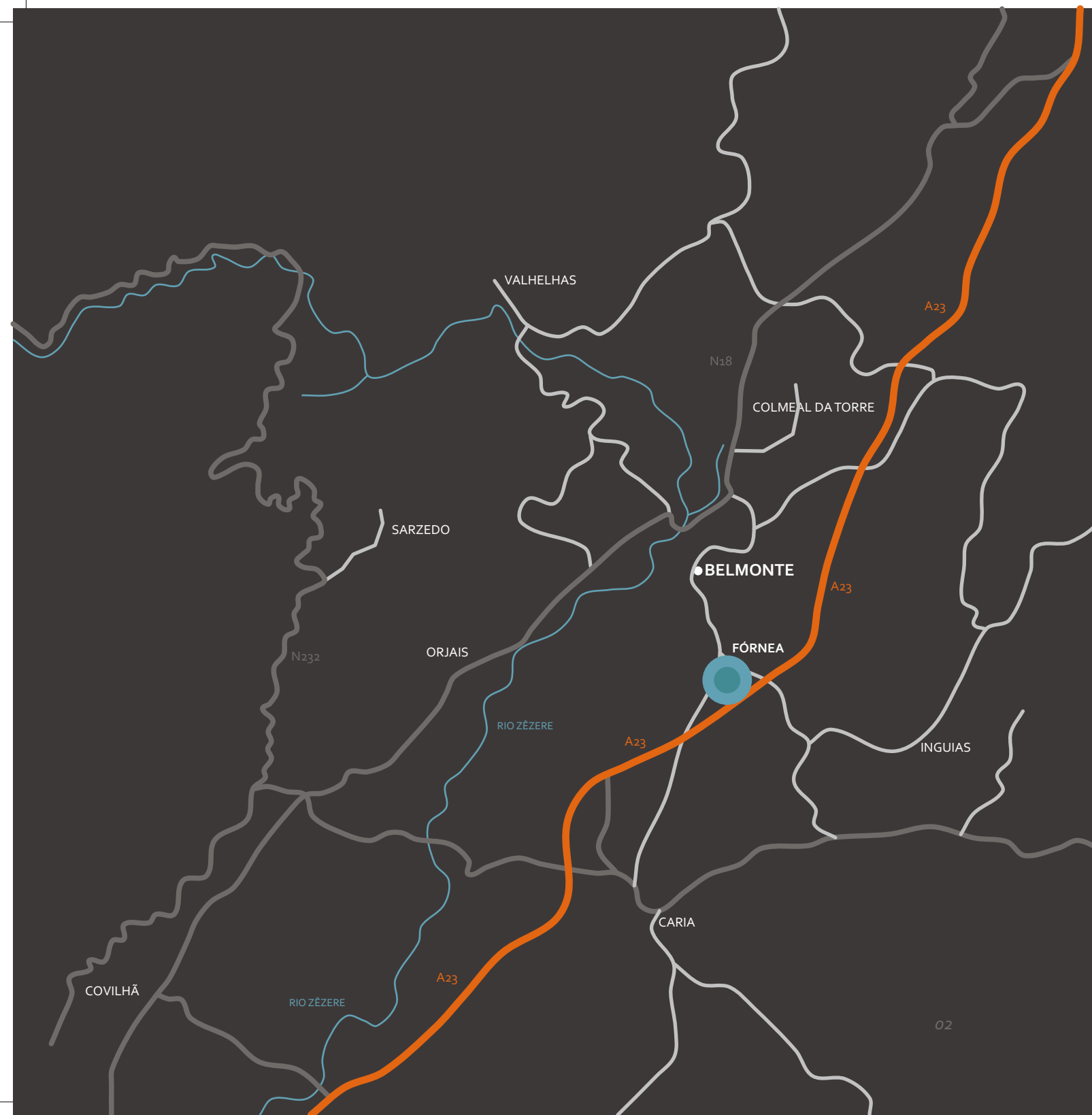
Programa
Operacional da Cultura



arqueohoje



quinta da
fornea



um povo sem história é um povo sem identidade

/ Calmamente, de olhar atento, fomos remexendo a terra na procura permanente de vestígios seculares pois sabemos que é ela que detém os nossos segredos, bem guardados dentro de potes e tijolos de barro, de pedras de moinhos, lajedos sulcados, de telhas partidas, os segredos do nosso passado e cada objecto que encontrámos foi como se fosse uma letra de frases que nos falavam de nós, da nossa identidade.

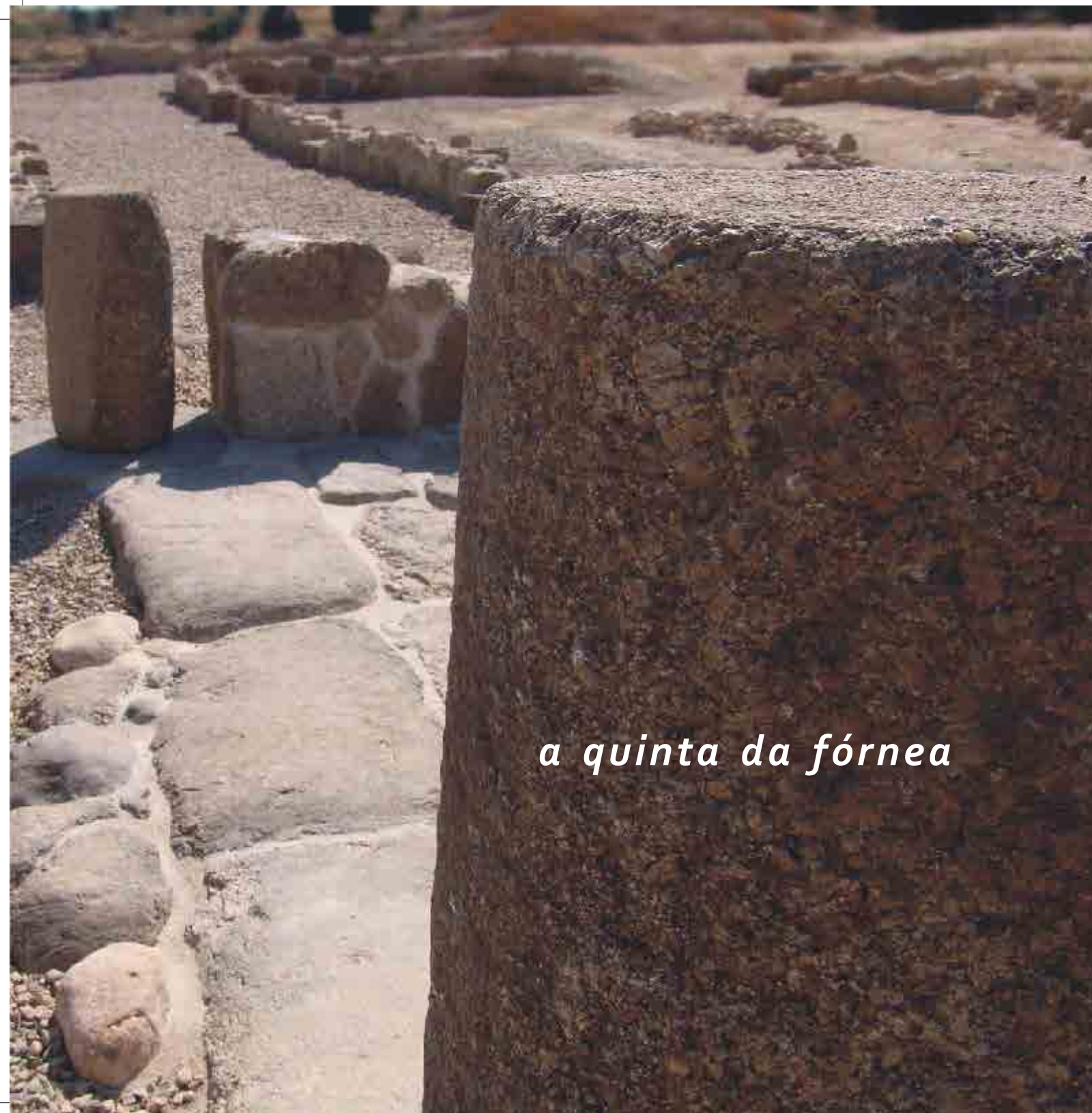
/ Foi assim que nos fomos descobrindo e com isso enriquecendo o nosso conhecimento, juntando as peças do um enigma que hoje nos permite afirmar que ocupamos um território que conheceu os nossos antepassados e, naturalmente, as nossas origens.

/ Em cada artefacto nós podemos ler séculos de vivências, tempos esquecidos no tempo que agora libertamos da escuridão e trazemos para a luz do dia dando novos conhecimentos ao conhecimento, podemos recriar estilos de vida, olhar o passado como uma parte de nós e aprendermos as magias do saber numa luta permanente pela sobrevivência.

/ Olhar testemunhos arqueológicos é um deslumbramento, ler um tratado de história, escrever a biografia dos nossos antepassados e descobrir a nossa identidade.

O Presidente da Câmara Municipal

/ Amândio Manuel Ferreira Melo



a quinta da fórnea

a escavação

/ Em 1997, e no seguimento do Projecto de Execução do Itinerário Principal 2, hoje conhecido como A23, a então denominada Junta Autónoma de Estradas viu-se confrontada com a existência de vestígios cerâmicos romanos na local da Quinta da Fórnea, tornando-se premente a prévia realização de trabalhos arqueológicos por forma a confirmar a importância e estado de conservação do sítio na área directamente a afectar pela construção da rodovia.

/ Perante tal facto, foi então solicitada à Arqueohoje a realização de uma intervenção em grande escala, tendo daí resultado o reconhecimento da importância deste sítio arqueológico e a alteração do traçado rodoviário inicialmente previsto, salvaguardando-se assim este importante elemento patrimonial.

/ Passados precisamente dez anos, o Município de Belmonte, atento à necessidade da reabilitação e promoção turística do seu património cultural, promove a execução de um projecto visando a continuidade dos trabalhos arqueológicos, bem como o restauro e valorização das estruturas identificadas na década anterior.

/ É neste âmbito que, ao longo de quase um ano, a Arqueohoje coloca a descoberto a quase totalidade das estruturas ainda preservadas no subsolo, surgindo hoje a Quinta da Fórnea como uma das poucas explorações rurais romanas escavadas, praticamente em toda a extensão, no nosso País.

/ As ruínas romanas da Quinta da Fórnea fazem parte de um leque mais alargado de estações monumentais do período romano existentes na Beira interior, das quais se destacam *Centum Cellas* e o(s) mausoléu(s) da Fórnea II, no concelho de Belmonte, e o templo de Orjais, já na Covilhã. Estes locais traduzem a notória importância geopolítica, social e económica dada por Roma à Cova da Beira.

/ Servida por importantes troços viários da Via Imperial que ligava *Emerita Augusta* (Mérida) a *Bracara Augusta* (Braga), esta grande exploração rural (*villa*) localiza-se na parte oriental da Serra da Boa Esperança, numa zona de encosta suave voltada ao vale junto de férteis solos para as práticas agrícolas (freguesia e concelho de Belmonte).

a villa

"Faça-se um esforço para que se instale a Quinta de preferência ao pé de uma montanha arborizada, onde as pastagens sejam vastas e expostas aos ventos mais salubres que soprarão na propriedade"

MARCO TERÊNCIO VARRÃO*, *ECONOMIA RURAL*

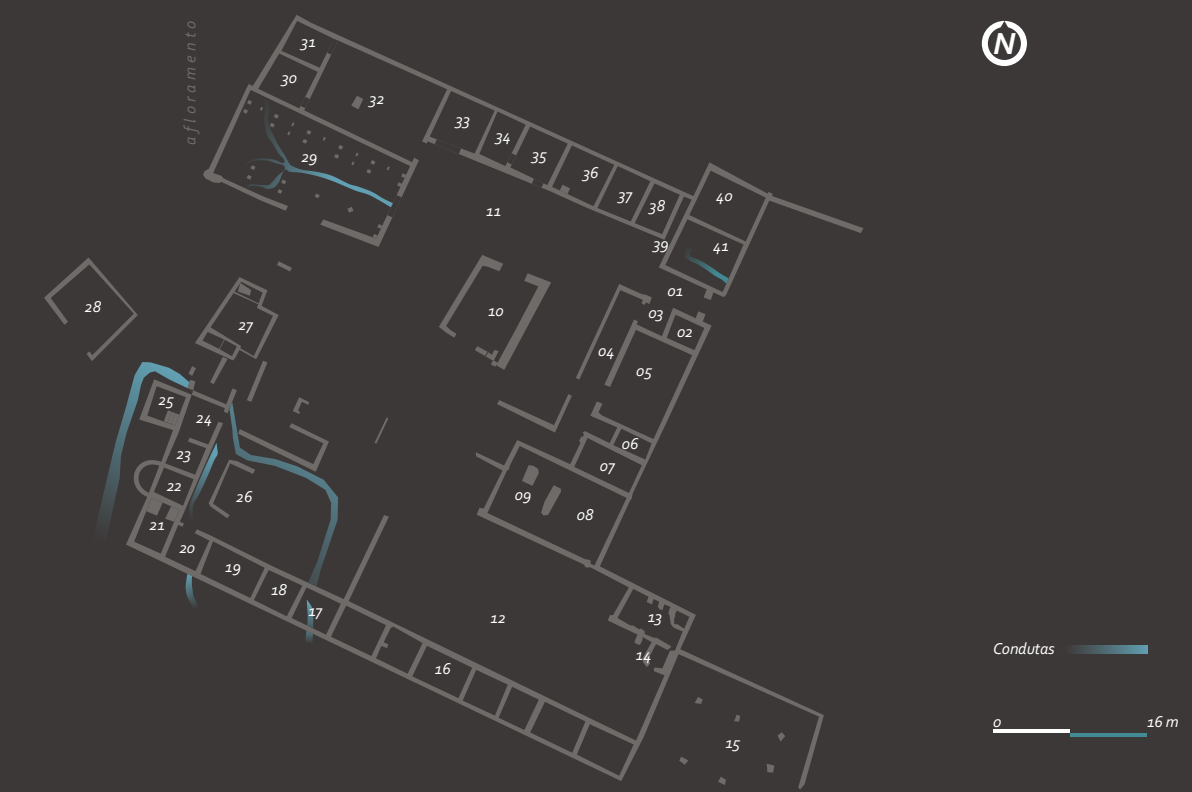
ÍNDICE DOS DIVERSOS COMPARTIMENTOS

01 Entrada principal	21 Sala da fomalha / <i>prae-furnium</i>
02 Casa do guarda	22 Sala dos banhos quentes / <i>caldarium</i>
03 Saguão	23 Sala tépida / <i>tepidarium</i>
04 Corredor de acesso	24 Vestiário / <i>apoditerium</i>
05 Sala de jantar / <i>triclinium</i>	25 Tanque de água fria / <i>frigidarium</i>
06/07 Quartos / <i>cubicula</i>	26 Jardim
08 Cozinha	27 Lagar de vinho
09 Lareira	28 Reservatório de água
10 Jardim	29 Celeiro / <i>horreum</i>
11 Pátio central	30/31 Estábulos
12 Pátio secundário	32 Cercado
13 Caso do forno	33 Armazém (?)
14 Armazém de cereais ou casa da lenha	34/35 Unidades transformadoras (?)
15 Telheiro	36 Compartimento habitacional (?)
16 Alojamentos da criadagem	37/38 Unidades transformadoras (?)
17/18/19 Compartimentos de apoio aos banhos	39 Caixa de escadas de acesso ao 1º andar
20 Latrinas	40/41 Área industrial têxtil.

* Escritor romano que viveu no Século I antes do nascimento de Cristo [a.C.]

A villa tradicional, comparável a uma grande quinta agrícola actual, era um elemento fundamental da paisagem rural romana, sendo constituída pelos alojamentos do proprietário ou do feitor (*pars urbana*), pelos alojamentos dos trabalhadores (*pars rustica*) e pelo conjunto de edifícios necessários à exploração, como os celeiros, os lagares e adegas, os estábulos, as oficinas, os fornos de cozer pão, as pequenas unidades industriais e as lojas necessárias ao armazenamento de produtos e alfaiais agrícolas (*pars fructuaria* ou *frumentaria*). No caso particular da Fórnea, refira-se ainda a presença de umas latrinas e de uns magníficos balneários com prováveis alojamentos daqueles que deles cuidavam.

A organização do espaço edificado deste tipo de exploração rural encontra raízes na arquitectura mediterrânica. Com efeito, a construção sucessiva através de grandes blocos rectangulares dispostos perpendicularmente entre si dão origem ao desenvolvimento propositado de grandes áreas a descoberto — pátios.



"A dimensão da villa e o número das suas partes serão adaptadas à extensão da propriedade e dividir-se-ão as construções em três grupos: a habitação do senhor, os edifícios rústicos e aqueles de provisões"

LÚCIO COLUMELLA*, DE AGRICULTURA

/ Também na Quinta da Fórnea assistimos à construção regular, dentro do denominado pequeno aparelho, de diversos módulos de configuração rectangular, de dimensões diversas, que se dispõem perpendicularmente entre si. Não há nesta arquitectura muitas aberturas ao exterior, fazendo-se o acesso ao coração da *villa* apenas por uma única grande entrada lajeada. Não sendo comum a comunicação interna entre compartimentos, é pelos espaços internos a descoberto (pátios) que se faz a circulação entre eles. Apenas os aposentos da *pars urbana* são servidos por um corredor, voltado ao pátio central.

/ No século II depois do nascimento de Cristo (d.C.), data apontada para o início da construção da Fórnea, a paisagem rural romana seria pouco diferente da actual, constituída essencialmente por pequenos casais ligados a explorações de carácter familiar, com utilização de pequenas parcelas de terrenos, e por pequenas quintas, com áreas edificadas maiores, podendo nalguns casos igualar o de uma *villa* mais pequena.. Estaria igualmente presente a grande propriedade, com um domínio agrícola cultivável de consideráveis dimensões, mais área edificada e maior diversidade ao nível dos edifícios e estruturas agrárias associadas.

/ Nas estruturas preservadas deste sítio assistimos à utilização pontual de elementos arquitectónicos reaproveitados de construções mais antigas, nomeadamente silhares almofadados, fustes de colunas ou fragmentos de cornijas.

/ Embora não se trate de uma *villa* opulenta, com a total ausência de mosaicos, pisos ladrilhados ou colunas de mármore, manteve-se até ao século IV, data provável para o seu abandono, como um exemplo de uma arquitectura civil extremamente funcional, sobressaindo também aqui todo o engenho romano.

* Escritor romano do Século I d.C. que nasceu em Cádiz [Espanha]





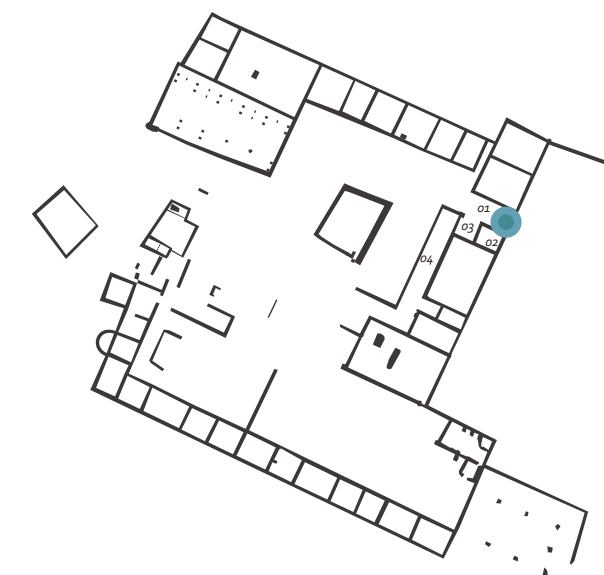


/a entrada principal

/ O acesso principal ao interior da área edificada deste complexo agrário fazia-se através de uma grande entrada (1), de corredor largo, parcialmente lajeado e eventualmente coberto, por onde se acedia à privacidade proporcionada pelo modelo arquitectónico de clara influência mediterrânea.

/ Nas soleiras do grande portão de entrada podemos ainda ver as marcas dos carros de tracção animal que, dia a dia, armazenavam, abasteciam ou escoavam a produção local.

/ Esta entrada era vigiada por um "guardião" que controlava todo o tráfego feito pela porta principal. Este, acomodado em "gabinete" próprio provido de lareira, ocupava o pequeno compartimento (2) localizado imediatamente à esquerda da entrada. Quem à *villa* chegasse, podia entrar directamente na parte residencial principal - *pars urbana* - por intermédio de um pequeno saguão (3) localizado junto à entrada. Este pequeno compartimento dava ainda acesso ao corredor alpendrado (4) a partir do qual se processava a circulação entre os vários espaços internos da residência.



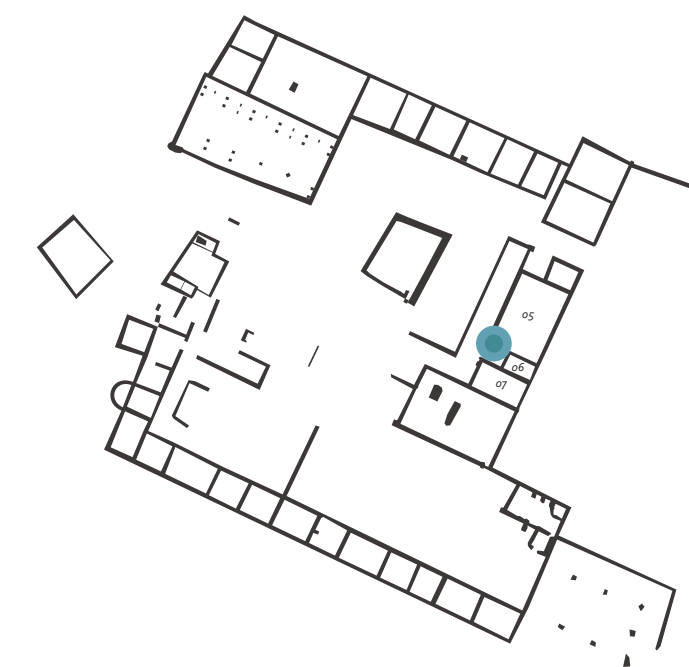


/a zona residencial

/ Encontramo-nos no coração da zona residencial da *villa* — a *pars urbana*. Era aqui que habitava o proprietário ou o feitor (*villicus*) responsável pela exploração da herdade.

/ O compartimento maior (5), rebaixado, a que se acedia por um degrau, poderá corresponder à sala principal da casa. Era aqui, nesta sala maior que julgamos poder corresponder ao *triclinium* da casa principal que, entre outras coisas, se tomavam as refeições principais.

/ Sobre o seu lado esquerdo é possível observar-se um conjunto de dois pequenos compartimentos (6 e 7) os quais se relacionariam, eventualmente, com quartos de dormir - *cubicula dormitoria*.

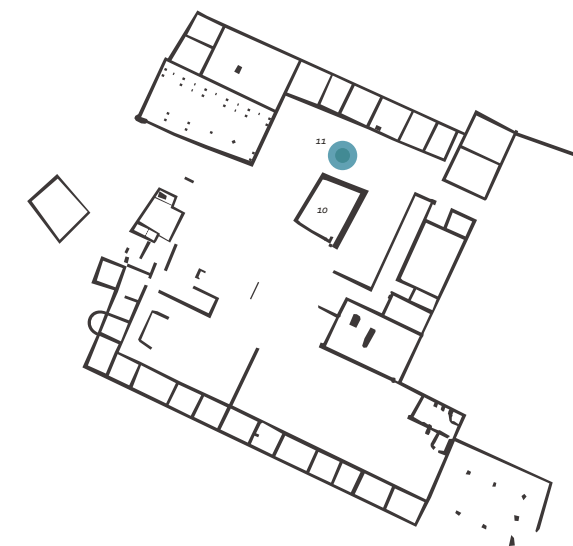


/o jardim e o pátio central

/Dada a destruição levada a cabo pela intensa actividade agrícola a que os terrenos foram sujeitos ao longo de centenas de anos, originada sobretudo pela introdução de alfaias mecânicas, é natural que partes deste complexo agrícola tenham sido completamente subtraídas pelo arado. A pedra que com frequência emergia destes campos, oriunda já das ruínas romanas no subsolo, foi certamente reutilizada noutras construções posteriores.

/Do prolongamento do edifício habitacional principal, de planta em L, praticamente nada se preservou do corpo que se desenvolvia para norte. A reconstituição dos seus limites, ainda que sempre conjectural, assenta na existência de um pequeno troço de muro identificado nas proximidades da zona balnear.

/No pátio central da *villa* (11), terá sido construída uma área ajardinada, de configuração rectangular (10). Dos elementos que restaram destaca-se um muro perimetral largo que, fechando o espaço por outros três lados, conteria com pouca altura, assim pensamos, as terras do jardim. Aqui se pode observar a colocação intencional de elementos arquitectónicos reaproveitados, destacando-se a presença de uma base de coluna toscana. Pela criação deste espaço verde quebrava-se a monotonia e tornava-se o grande pátio mais acolhedor.





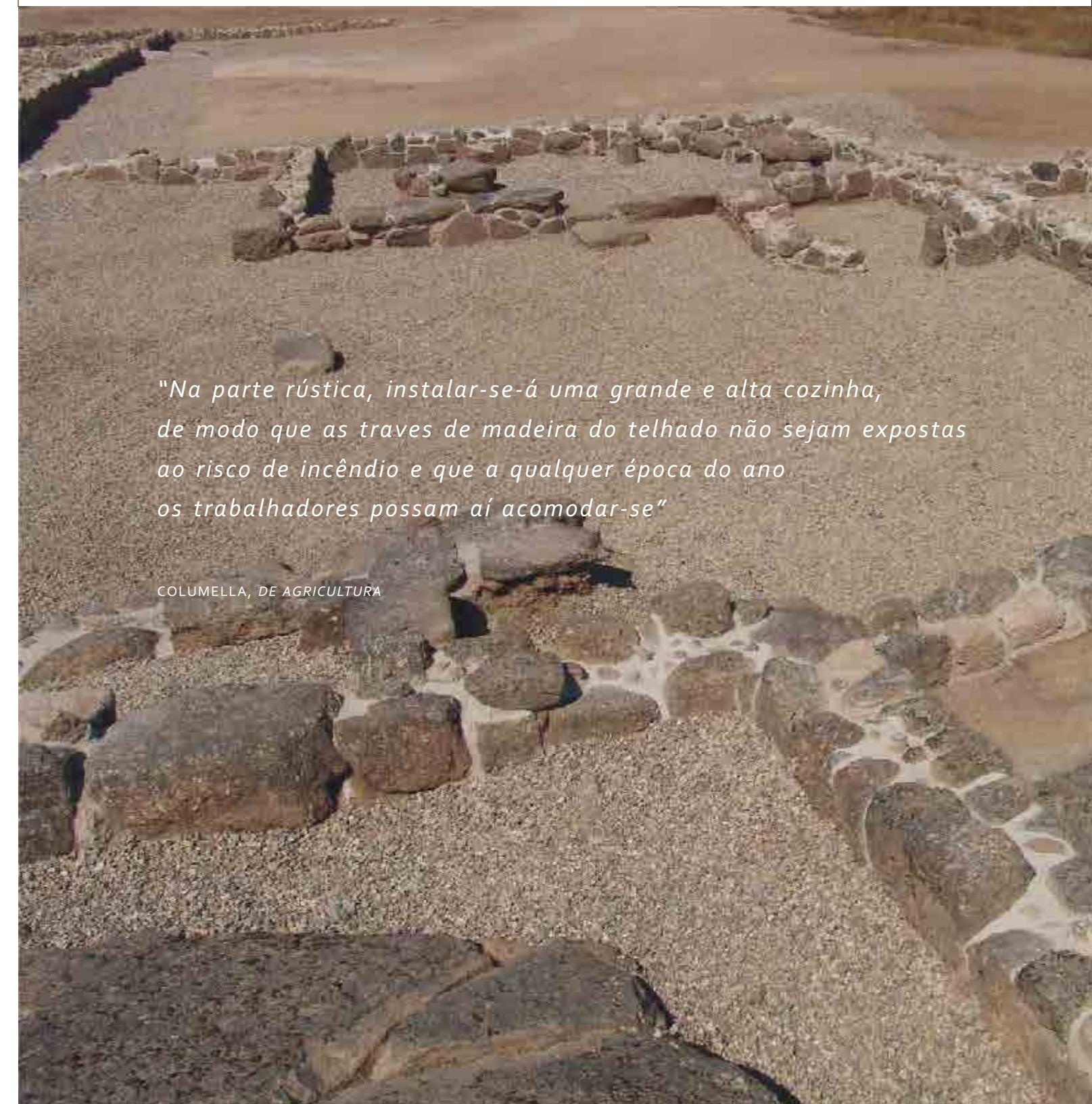
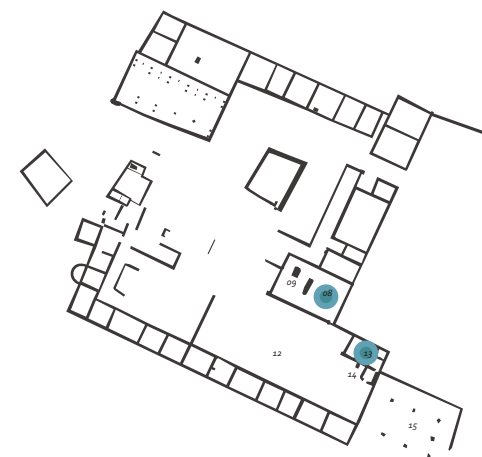
/a cozinha

/No limite oeste da ala principal preserva-se um grande compartimento com lareira, presumivelmente correspondendo à cozinha da casa (8). A lareira aí existente (9), além de usada na confecção das refeições do proprietário ou do feitor e da própria criadagem, poderá ter servido como sistema de aquecimento face aos rigores do inverno beirão.

/a casa do forno

/ Encontramo-nos na *pars rustica* que englobava, além dos alojamentos daqueles que trabalharam as terras, algumas estruturas de apoio à herdade e outras construções necessárias à própria subsistência da pequena população servil que ali viveu.

/ Tendo em conta as evidências arqueológicas, é-nos possível observar um compartimento de planta rectangular relacionado com a panificação (13), bem como, no canto Sul, os restos do que, presumivelmente, terá sido um pequeno forno de cozer pão, de configuração semicircular. O acesso era feito através de uma passagem provida de degrau. Junto desta preservou-se um outro pequeno espaço provavelmente relacionado com as actividades da moagem, quiçá servindo de armazém aos cereais e/ou lenha (14). No exterior do pátio secundário (12) por onde se desenvolvem os edifícios da *pars rustica* identificou-se um presumível telheiro, preservando ainda sete bases de suporte à sua cobertura em material perecível (15).



"Na parte rústica, instalar-se-á uma grande e alta cozinha, de modo que as traves de madeira do telhado não sejam expostas ao risco de incêndio e que a qualquer época do ano os trabalhadores possam aí acomodar-se"

COLUMELLA, *DE AGRICULTURA*



/os alojamentos da criadagem

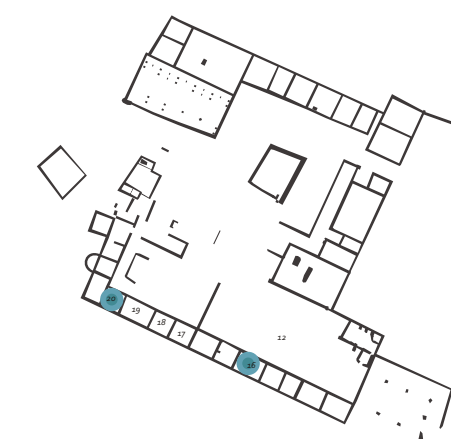
/As grandes herdades agrícolas romanas exigiam um número considerável de trabalhadores. Embora aquilo que seria usual fosse a separação clara entre a parte residencial do proprietário ou responsável pela exploração e daqueles que, por condição servil, trabalhavam as suas terras, tal aqui não acontece.

/Sete pequenos compartimentos (16), aproveitando nalguns casos o próprio afloramento granítico, dispostos de forma paralela e com acesso a partir do pátio rectangular existente nesta parte (12), serviam de alojamento/dormitório à população laboral. No interior de alguns foram identificadas as bases de lareiras, constituídas por simples telhas a servir-lhes de lastro. Trata-se do único luxo do habitante, atenuando-lhe os efeitos dos invernos rigorosos da época e possibilitando o confeccionar de uma ou outra refeição!

/as latrinas

/Antecedendo o edifício balnear propriamente dito, encontravam-se alguns pequenos compartimentos (17-19) que poderão, eventualmente, relacionar-se com divisões de apoio aos banhos e à latrina localizada no seu enfiamento (20). Os banhos e as latrinas exigiam uma manutenção permanente, com pessoal habilitado e, eventualmente, afecto apenas a este trabalho. É natural que determinadas infra-estruturas existissem, guardando-se nelas todo um conjunto de elementos que serviriam os banhistas no percurso balnear.

/As latrinas dispunham já de um sistema de evacuação. No chão do vestiário, já no interior do edifício balnear, preservou-se uma pequena caixa em tijoleira ligada directamente à conduta que servia como autoclismo. Sobre esta foram recolhidos dezenas de fragmentos de um grande vaso de armazenagem que poderia funcionar como um sistema de descarga de água.



/os balneários

/Os balneários são uma marca civilizacional incontornável que Roma estendeu a todo o Império. Além de serem uma prática higiénica, desempenhavam também um importante factor de sociabilização para aqueles que os frequentavam.

/No caso particular da Quinta da Fórnea, o edifício balnear, em excelente estado de preservação, desenvolvia-se em torno de um espaço a céu aberto, ajardinado (26), entrando-se pelo vestiário (*apoditerium*) (24). Aqui encontraríamos pequenos bancos corridos de madeira, adossados às paredes laterais, constituídos na base por pequenos arcos em tijoleira nos quais seriam guardados os objectos pessoais do utilizador. A norte do vestiário encontra-se o tanque de água fria (*frigidarium*) (25), a que se acedia por um pequeno lanço de escadas. Provavelmente o tanque encontrava-se ao ar livre, com ligação, por pequena porta, pelo lado norte do vestiário. Após o banho frio, com nova passagem pelo vestiário, o banhista entrava numa sala tépida (*tepidarium*) (23). Posteriormente passava-se à sala dos banhos quentes (*caldarium*) (22), sendo esta mais quente pela proximidade com o compartimento da fomalha (*praefurnium*) (21). Os banhos quentes possuíam ainda uma pequena banheira aquecida, de configuração semicircular.

/ O ambiente das áreas aquecidas (*caldarium e tepidarium*) só era possível mediante um sistema de aquecimento (hipocausto) localizado por baixo das mesmas. O ar quente circulava sob o piso de circulação e chegava às salas mediante um canal feito com tijoleiras próprias que, provavelmente, se desenvolvia em arco no seu interior. O piso das salas era alicerçado sobre arcarias em tijoleira, muito bem preservadas sob a banheira do *caldarium*.





/o lagar

/Encontramo-nos na *pars frumentaria* desta exploração agrária e é aqui que se localiza(m) o(s) lagar(es), o celeiro, os compartimentos relacionados com a guarda dos animais e demais unidades industriais.

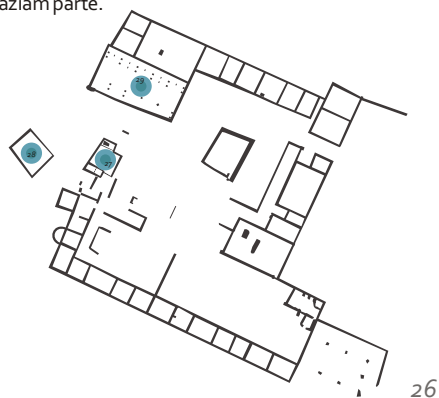
/Próximo dos balneários, preservam-se os restos de um lagar de vinho, originalmente resguardado dentro de um edifício próprio (27). Além da grande plataforma da prensa (*calcatorium*), identificaram-se ainda três tanques (*lacus*) revestidos com argamassa (*opus signinum*) que terão servido, pelo menos o maior, como contentor temporário do vinho logo após a pisa das uvas. Após algum tempo, o líquido vínico seria recolhido em vasilhames e armazenado em divisão própria (*cella vinaria*). A pequena depressão identificada no substrato de base, sobre o lado sul da prensa, corresponderá possivelmente ao local de implantação de uma “pedra de lagar”.

/Do sistema manual de prensagem destacava-se a grande trave do engenho (*prelum*), com apoio na parede norte do lagar, ligando-se horizontalmente ao peso por intermédio de um elemento torso (*malus*). Girava-se este fuso na trave, através de uma alavanca, exercendo-se pressão no centro da prensa e permitindo o esmagamento das uvas.



/o reservatório de água

/No extremo Norte desta exploração rural preservou-se uma estrutura internamente impermeabilizada com argamassa (*opus signinum*) que presumivelmente terá funcionado como reservatório de água (28), quiçá estrategicamente posicionado próximo dos banhos. Na tórrida época estival, com cursos de água diminuídos pela seca, poderia constituir uma reserva de água importante e de múltiplas aplicações, servindo a população residente da herdade e garantindo a saciedade dos animais que dela também faziam parte.



/o celeiro

/Aqui se preserva o celeiro (*horreum*) (29), uma das maiores construções da quinta, resguardada por um enorme afloramento granítico. Com acesso centrado na fachada menor voltada ao pátio principal, era neste edifício, com mais de 21 metros de comprimento e quase 11 de largura, que se guardava grande parte dos produção agrícola, nomeadamente a cerealífera, conservando-a num ambiente seco e fresco, norma base da preservação de alimentos.

/Na recriação dessa ambiência, e à semelhança dos conhecidos espigueiros, com igual função, foram depostas nas alas laterais do edifício um conjunto de bases em granito que, com encaixes próprios, permitiam o acondicionamento do produto a uma altura de segurança dos roedores e do chão húmido. As águas que corriam do morro granítico, colocando o celeiro em risco e os próprios gêneros alimentícios, que não se destinavam só ao consumo da população residente, eram engenhosamente canalizadas para o exterior mediante condutas existentes no subsolo.



/os estábulos

/ A par do celeiro, e paredes meias com este, preservam-se dois pequenos compartimentos (30-31) que poderão corresponder a estábulos/currais onde eram recolhidos alguns dos animais da quinta. Ambos comunicavam para um espaço cercado com muros altos (32), onde o gado, protegido dos intentos dos predadores naturais, poderia circular livremente durante o dia. Neste reduto, com entrada voltada ao pátio principal da quinta, identificou-se uma depressão rectangular escavada no substrato de base, podendo tratar-se da base de assentamento de uma estrutura de madeira (manjedoura) onde seria colocado o sustento dos bichos.

/Tal como hoje, os dejectos dos animais eram usados para a fertilização dos campos agrícolas, aumentando a capacidade produtiva da herdade.

/os anexos agrícolas

/Torna-se difícil saber ao certo a que fins se destinaria todo o módulo Este da *villa*, composto por seis compartimentos distintos e com passagens internas limitadas apenas a dois deles (33-38). A grande maioria dos acessos destas divisões são voltados para o pátio principal, observando-se nalgumas entradas uma monumentalidade própria de edifícios mais imponentes. A dúvida deve-se à quase total ausência de elementos passíveis de serem conotados com qualquer actividade que ali se tenha desenrolado. Contudo, os poucos vestígios levam-nos a algumas teorias de interpretação.

/O achado da base de assentamento de uma mó rotativa numa das divisões (35), leva-nos a equacionar a hipótese de terem funcionado ali, como noutras destas divisões (34, 37-38), pequenas oficinas de transformação de alguns produtos — moagem de cereal. A presença de uma lareira indicia a existência de um pequeno compartimento habitacional (36). A divisão da extremidade norte deste edifício, com soleira possante e cuidada, poderá relacionar-se com um pequeno armazém (33).

/Tratando-se de uma grande quinta, facilmente se justificava a existência de locais próprios para armazenamento da produção agrária (nomeadamente a vinícola e oleícola exigindo um bom acondicionamento) e das alfaías necessárias.



"Nos dias de chuva, ou quando o frio ou a geada impedem uma mulher de trabalhar nos campos, ela deve retomar o trabalho das lãs e tinja as lãs já preparadas e penteadas, por forma a poder mais rapidamente terminar ou executar o trabalho nos lanifícios normalmente esperado.

Com efeito, não será mau que se confeccione em casa as roupas para ela própria vestir, para os vigilantes e para os jovens escravos que as mereçam, aumentando-se com estas acções o orçamento do pai de família"

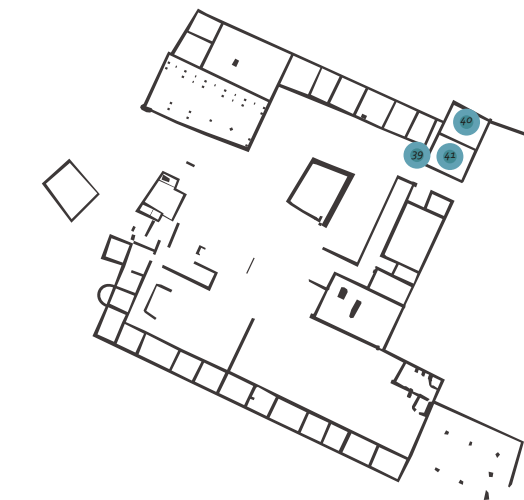
COLUMELLA, DE AGRICULTURA

/a tecelagem

/ Era comum nas *villae* romanas a diversificação de actividades como forma de auto subsistência, apesar de nunca conseguida na perfeição. Ainda que não existam neste local edifícios confirmados onde se produzissem objectos em ferro ou até mesmo em cerâmica, há elementos que apontam para a confecção de outros produtos.

/ Nos dois compartimentos assinalados (40-41) foram encontrados diversos pesos de tear, em cerâmica, bem como um tanque escavado no substrato de base servido por uma conduta, podendo relacionar-se com uma pequena unidade industrial de tecelagem e seu tingimento.

/ Podemos também observar, num pequeno espaço aberto de configuração rectangular, a caixa de escadas (39) que daria acesso, por intermédio de uma estrutura já desaparecida, talvez em madeira, ao primeiro andar do edifício principal, residência do proprietário ou do responsável pela herdade.





04

conservação e restauro

/ O projecto de conservação e restauro do sítio da Fórnea começou com uma avaliação do estado de conservação de todas as estruturas e a caracterização mineralógica dos materiais utilizados nas várias construções.

/ Na fase inicial dos trabalhos foram identificadas, documentadas e localizadas todas as formas de alteração das estruturas do complexo habitacional. Esta primeira abordagem possibilitou, também, diagnosticar em pormenor todas as anomalias estruturais e definir as várias intervenções de conservação e restauro a efectuar em cada estrutura.

/ As medidas de conservação e restauro foram sempre escolhidas atendendo a critérios de estabilidade e reversibilidade, sendo possível a remoção ou a substituição dos materiais utilizados sempre que seja conveniente para a preservação e manutenção do sítio, sem prejuízo das estruturas originais.

/ O desenvolvimento dos trabalhos de conservação e restauro tiveram como base os conhecimentos arqueológicos existentes, a avaliação do estado de conservação das estruturas, o planeamento e o controlo dos processos de tratamento e restauro. As acções efectuadas foram precedidas de levantamentos fotográficos e gráficos, com o objectivo de registar exaustivamente todas as intervenções realizadas.

/ Neste âmbito realizaram-se as seguintes acções: remoção de materiais estranhos à estrutura // consolidação pontual de elementos instáveis // erradicação de plantas vasculares nas estruturas // tratamento de juntas dos paramentos verticais e horizontais com argamassa à base cal hidratada // consolidação do material pétreo e de argamassas antigas // alteamento / reintegração de parte das estruturas escavadas // colocação de um sistema de drenagens em toda estação arqueológica // aplicação de tela solo nos afloramentos rochosos // e acondicionamento do estrato geológico com gravilhas.

/ A decisão de intervir materialmente sobre estas estruturas foi motivada, em primeiro lugar, pela necessidade de conservar. Uma exigência do restauro é respeitar e salvaguardar a autenticidade dos elementos originais, limitando ao máximo as intervenções que possam causar modificações evidentes. Portanto, optou-se pelo restauro entendido como reconstituição, nos casos em que se revelou estritamente necessário para garantir a integridade física das estruturas.

/ Esperamos que este projecto de conservação seja um contributo para o desenvolvimento de uma política integrada para a salvaguarda do nosso património.

33

/ QUINTA DA FÓRNEA



glossário

APODYTERIUM

Vestiário dos banhos romanos.

AUTARCIA

Modo de vida em sociedade fechada, sem trocas comerciais com o mundo exterior, produzindo-se nela tudo o que seja necessário à sua sobrevivência.

CALCATORIUM

Diz-se da superfície do lagar onde se pisam as uvas.

CALDARIUM

Sala aquecida, próxima da sala da fornalha, das termas. Trata-se da sala mais quente do complexo balnear.

CUBICULA [dormitoria]

Cubículos. Quartos de dormir.

DOLIUM [plural *DOLIA*]

Grande vaso contentor em cerâmica. Neles eram guardados essencialmente vinho ou azeite.

FRIGIDARIUM

Sala fria dos banhos. No caso da Fórnea é composta por um pequeno tanque de água fria.

Em balneários maiores é frequente encontrar-se uma grande piscina de água fria – *natatio*.

HIPOCAUSTO

Do grego "aquecer por debaixo". Trata-se da estrutura formada por pilares, ou arcos, que sustentavam o piso - *suspensura* - das salas aquecidas. Por aqui circulava o ar quente que chegava às salas do piso superior.

HORREUM

Grande edifício – celeiro - onde eram guardadas, entre outras coisas, os cereais num piso superior.

O vinho e azeite, se não existissem edifícios próprios para eles, guardar-se-iam na parte inferior deste edifício.

LACONICUM

Sala dos banhos, normalmente pequena, muito aquecida, destinada a banhos de vapor. Sauna.

LACUS

Tanque de recolha do mosto num lagar.

LATRINA

Casa de banho. Retrete.

NECRÓPOLE

Cemitério

OPUS SIGNINUM

Trata-se de uma argamassa impermeável, de cor avermelhada. O seu nome deriva de *Signia* – local de produção cerâmica na Itália – e a sua cor deve-se à utilização de cerâmica moída, compondo-se os restantes constituintes de areia e cal.

PARS URBANA

Na *Villa*, corresponde à residência senhorial.

PARS RUSTICA

Na *Villa*, corresponde aos alojamentos da população servil da exploração.

PARS FRUCTUARIA

Na *Villa*, constituem-se como o conjunto de edifícios necessários à exploração. Celeiro, lagar, adega, armazéns...

PERISTILO

Palavra de origem grega que designa uma colunata em torno de um pátio interior de um edifício ou do edifício no seu conjunto.

PRAEFURNIUM

No complexo balnear é a sala da fornalha do sistema de aquecimento dos banhos.

Fazia-se aqui o fogo, sob uma caldeira em cobre, que hoje na Fórnea já não existe.

PRELUM

Elemento de lagar. Trave de madeira que, servindo de alavanca, se desenvolve desde a parede onde se fixa, até à "pedra de lagar", no seu lado oposto. Exerce, por um elemento fusiforme que se vai rodando – *malus* -, ligado à "pedra de lagar", pressão sobre o conteúdo no *calcatorium*.

FUNDUS

Terrenos explorados por uma *Villa*. Incluiam, nas *villae* agrícolas, as áreas cultivadas, de bosque e pastagens.

SUSPENSURA

Designa-se assim um piso suportado por pilares ou arcarias.

TRICLINIUM

Embora se assumia, por extensão, como uma das principais salas de refeições da casa romana,

é, à letra, o leito onde os romanos se reclinavam para comer.

VILLICUS

É assim designado o "feitor" da *villa*. Responsável pela exploração.

bibliografia

- ADAM, Jean-Pierre, 1989: *La construction Romaine* (Paris, Picard).
- ALARCÃO, Jorge de, 1983: *Portugal Romano* (Lisboa, Ed. Verbo, 3ª ed, História Mundi, vol. 33).
- ALARCÃO, Jorge de, 1985: *Introdução ao estudo da casa romana* (Coimbra, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras).
- ALARCÃO, Jorge de, 1988: *O domínio romano em Portugal* (Lisboa, Pub. Europa América, Fórum da História 1).
- ALARCÃO, Jorge de, 1990: *O Domínio Romano*. "Portugal das Origens à Romanização (Nova História de Portugal", Presença, Lisboa, p. 345-507).
- ALARCÃO, Jorge de, 1997: *A tecnologia agrícola romana* (Portugal Romano. A exploração dos recursos naturais, Lisboa).
- ALARCÃO, Jorge de, 1998: *A paisagem rural romana e alto-medieval em Portugal* (Conimbriga, XXXVII, p. 89-119).
- CARVALHO, Pedro C., 2007: *Cova da Beira, Ocupação e exploração do território na época romana* (CMF, IAFLUC, CONIMBRIGA/Anexos 4).



